

## Tradições mantidas por mulheres Açorianas em Rhode Island

Ana Isabel Mateus da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante vários séculos, a emigração havia-se sistematicamente constituído numa das soluções preferidas e mais apetecíveis para resolver as dificuldades económicas e para a manter a estabilidade numérica populacional nos Açores.

Estima-se que entre 1960 e 1980, emigraram aproximadamente 85,000 açorianos que se estabeleceram primariamente nos Estados de Massachusetts, Rhode Island, e Califórnia.

Em *Rhode Island*, as mulheres Açorianas tentaram manter algumas tradições Açorianas; nomeadamente a nível da alimentação e comemorações festivas (Espírito Santo, Natal, Páscoa, confeccionando alguns pratos típicos e doces).

Assim, abordamos algumas das tradições mencionadas por três Mulheres em que a 1ª geração emigrou já adulta, a 2ª geração ainda criança e a 3ª nasceu em *Rhode Island* e não conhece a ilha onde nasceu mãe e avó – ilha de São Miguel.

Salienta-se como a organização das festas é feita pela 1ª geração e a colaboração da 2ª geração. Já a 3ª geração apenas participa em atividades que sejam Bilingue.

**Palavras chave:** Mulher; Açores; Tradições

### Introdução

O nosso interesse pelas tradições Açorianas mantidas nos Estados Unidos, mais propriamente nos Estados de Massachusetts e Rhode Island deve-se ao facto de ser natural dos Açores (ilha de São Miguel) e ter família que emigrou nos anos 60 para Rhode Island.

Quando criança, participei em eventos na ilha de São Miguel, que ao longo dos anos foram-se modificando ou mesmo até desaparecendo. Numa das idas a Rhode Island constatei que as mesmas se mantinham na sua essência por Micaelenses e seus descendentes, alguns emigraram ainda crianças, mas mantiveram sempre contato com a família de origem ou foram transmitidas as tradições de geração em geração com algumas modificações. Numa breve pesquisa nos jornais locais encontramos essencialmente nomes de homens na organização dos eventos nos quais mantêm as tradições Açorianas, mas o que se vê na prática são as mulheres a fazerem e organizar todo o trabalho, eles apenas colaboram (Machado e Silva, 2014).

De acordo com Leal (2007) a primeira fase de emigração é a partir de finais do século XIX e tem como motor principal a caça à baleia. Foi com esta atividade que se estruturaram as primeiras comunidades açorianas na Nova Inglaterra e na Califórnia.

Este movimento migratório manteve-se até ao declínio da caça à baleia ocorrido em finais do século do século XIX. No caso da Nova Inglaterra, os emigrantes passaram a dedicar-se à pesca e à agricultura, a maioria dos imigrantes emprega-se na indústria têxtil, essencialmente nas cidades de New Bedford MA e Fall River MA, que se tornam então os dois mais importantes centros têxteis dos EUA (Estados Unidos da América).

Esta situação de emigração manteve-se até à grande depressão de 1929 e apresenta números expressivos. Em 1870 o número de emigrantes açorianos nos EUA foi de 9.000, em 1930 era de cerca de 280.000 (incluindo neste número a 1ª e a 2ª gerações) (Williams 1982: 52 cit Leal, 2007).

Para o mesmo autor, as décadas de 1960, 1970 e 1980 foram marcados por uma emigração significativa de

---

<sup>1</sup> Ana Isabel Mateus da Silva, Doutorada em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Aberta, Mestre em Comunicação em Saúde, Enfermeira Especialista em Saúde Mental e Psiquiatria, Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Grupo de Investigação “Saúde, Cultura e Desenvolvimento”.

Tem desenvolvido investigação e publicado nas áreas da criança e do adolescente. Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais anizabel 063@gmail.com

açorianos. Na Nova Inglaterra assiste-se a uma emigração essencialmente oriunda da ilha de São Miguel, com contingentes mais pequenos de outras ilhas (Faial, Pico, Santa Maria, Terceira, Flores, Graciosa).

Não se sabe ao certo os números dessa emigração e a dimensão atual das comunidades. Mas sabe-se que entre 1960 e 1980, a emigração açoriana para os EUA foi de pelo menos a 182.000 emigrantes. Atualmente a comunidade açoriana nos EUA deverá corresponder a cerca de 90% do total de luso-americanos residentes nos EUA. Segundo os dados do Censo norte-americano de 1990 ( Mulcahy 1998 e 2001) elevavam-se a 900.000 indivíduos, dos quais cerca de 232.000 nascidos em Portugal. Destas 900.000 pessoas que dizem ter ascendentes portugueses, cerca de 30% – mais ou menos 275.000 – viviam na Califórnia e cerca de 35% – mais ou menos 317.000 – nos estados de Massachusetts e Rhode Island, na Nova Inglaterra (Leal, 2007).

As iniciativas legislativas dos Estados Unidos, em 1962 e 1965, alargaram e aboliram as restritivas quotas de emigração para os países do sul da Europa, incluindo Portugal a quem foi atribuído o número de 8,719 vistos, apenas no ano de 1965. E, muito embora o limite máximo de 20,000 imigrantes nunca tivesse sido atingido pela emigração portuguesa nos anos que se seguiram, este conjunto de circunstâncias e acontecimentos marcariam o início de um dos mais intensos períodos de emigração portuguesa para os EUA, e originariam o maior êxodo da população açoriana num período inferior a duas décadas.

Apesar da sua encantadora simplicidade geográfica, as ilhas são notoriamente difíceis de definir. Uma ilha não é apenas qualquer pedaço de terra rodeado por água, uma vez que é necessário ter em conta limiares mínimos e máximos em termos de dimensão, o efeito das marés e a eventual existência de ligações físicas – aspetos que influenciam necessariamente a legitimidade de qualquer ‘candidatura’ ao estatuto de ilha (Depraetere e Dahl, 2007; Baldacchino, 2007). Por sua vez, a definição de ‘ilhéu’ (no sentido de pessoa ‘local’ de uma determinada ilha) encontra-se permeada por um conjunto ainda maior de ambiguidades. Apesar de serem muitos os que se orgulham de serem “nascidos e criados” na sua ilha, a maioria dos atuais ilhéus é capaz de identificar, entre os seus antepassados, alguns que não o foram. Mesmo antes da vaga de colonização europeia, a vida em muitas ilhas – especialmente as mais pequenas – apenas era possível porque, paradoxalmente, era possível abandoná-las (Newitt, 1992: 11).

A emigração durante muitos anos foi vista como a única “saída” possível face à intimidade opressiva e totalitária imposta pelo contexto sociocultural local (Baldacchino, 1997).

Hoje em dia, são muito poucos os ilhéus que nunca estiveram ‘no exterior’; e, no caso de muitas ilhas, é bastante significativa a proporção da população que, num qualquer momento se encontra ausente na metrópole ou no continente (Lowenthal, 1987, citado por Connell, 2007). O mesmo autor acrescenta que é por isso que as ilhas (e os ilhéus) “se caracterizam invariavelmente” por uma forte propensão para a emigração (pp: 455).

De acordo com King e Connell (1999), os emigrantes ilhéus, apesar de serem originários de “pequenos mundos”, têm “vidas globais”, mantendo ligações fortes com a ilha de origem (através de visitas, envio de remessas, apoio a associações locais, relações comerciais entre os locais de origem e de destino, entre outras).

Este artigo para além da pesquisa bibliográfica tem por base três entrevistas que fizemos a três gerações de Mulheres, em que a primeira e a segunda geração nasceram em São Miguel e a terceira nasceu em Rhode Island, bem como a nossa observação no terreno.

Assim, as 3 entrevistadas ao serem questionadas sobre as tradições que mantinham e que transmitiam às gerações seguintes mencionaram de imediato as Domingas (Irmandades do Espírito Santo), as Grandes festas do Espírito Santo, as festas da paróquia, o Natal, a Páscoa e os Romeiros.

Vamos fazer uma pequena abordagem a cada uma destas festas focando as tradições mantidas e não referimos os Romeiros, uma vez que tal como em São Miguel estas Romarias são feitas por homens e as mulheres apoiam a nível da comida e vestuário.

## I. Irmandades do Espírito Santo

As Festas do Espírito Santo fazem parte da cultura açoriana, realizam-se ao longo do período de sete a oito semanas que medeia entre o Domingo de Páscoa e os Domingos de Pentecostes e da Trindade, e podem ser definidas como um conjunto de cerimónias em louvor do Espírito Santo. Na organização das festas encontram-se irmandades, totalmente independentes da Igreja, que escolhem entre os seus membros o imperador <sup>2</sup>, designação dada à pessoa que organiza as Festas.

A ornamentação da casa para a domingo do Espírito Santo não revela qualquer tradição açoriana, apenas mantém durante a semana anterior à domingo a reza do terço em comunidade à noite. Esta reza é feita essencialmente por mulheres da 1ª geração, a segunda geração está presente e a 3 às vezes (Silva, 2014).

**Figura I – Casa decorada para uma Domingo do Espírito Santo**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 1992

Estas festas são rituais muito elaboradas, das quais fazem parte, dois tipos de festas: as de cariz religioso, de entre os quais se destaca a coroação. Esta consiste na colocação da Coroa ao imperador e as outras pessoas convidadas – realizada pelo padre no final da missa (figura II). A Coroa do Espírito Santo é uma coroa em prata bastante trabalhada (como se pode ver na figura III), terminando em cima com uma pomba, que constitui a insígnia central de um conjunto de que fazem ainda parte um ceptro e uma salva (tudo em prata).

**Figura II – Coroação**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2013

---

2 Mordomo na ilha de São Miguel

Como podemos verificar na figura II, são as mulheres que estão a coroar e algumas crianças. Normalmente é apenas um Homem – o imperador que também faz parte da coroação.

Estas coroas são na maioria das vezes levadas de São Miguel, bem como o ceptro e a salva, aquando das suas visitas à ilha ou solicitam para serem levadas por familiares e ou amigos.

**Figura III – Coroa do Espírito Santo**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2014

Para além desta cerimónia de cariz religioso, fazem parte um conjunto diversificado de refeições, dádivas, e distribuições de alimentos (tal como em São Miguel), à base de carne de vaca, de pão de trigo, massa sovada e pão de leite (figura IV), que está à disposição de todos os que quiserem aparecer na festa. Aqui, as mulheres fazem a massa sovada, o pão de trigo e o pão de leite utilizando a mesma receita que trouxeram de São Miguel.

**Figura IV – Distribuição de Massa Sovada**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2014

Nos Açores as festas do Espírito Santo fazem parte da cultura, nos EUA ocupam também um lugar fundamental entre a diáspora açoriana. A recriação das Festas do Espírito Santo constitui uma das tendências centrais da vida religiosa e social dos açoriano-americanos. A data do início não é muito precisa mas, a partir do início do século XX, surgem as primeiras expressões da implantação do culto.

Sabemos que em 1914 é o ano da fundação da Irmandade do Divino Espírito Santo da Trindade. A irmandade foi reorganizada a 2 de junho de 1939 e incorporada no estado de Massachusetts a 27 de fevereiro de 1962 (Portuguese Times, 2014).

Podemos verificar a importância nestas festas das mulheres ao pesquisar nos jornais locais os agradecimentos que são feitos pelos Imperadores à notoriedade de algumas mulheres, como por exemplo: “Deixo aqui uma homenagem a título póstumo a Maria José Chaves pela sua dedicação à irmandade (...)” (Gabriel, 2014).

Tal como já referimos anteriormente as festas do Espírito Santo vão para além desta dimensão religiosa, o movimento de recriação das Festas do Espírito Santo nos EUA está também ligado a fatores de natureza cultural e social. Nas condições criadas pela emigração, as Festas do Espírito Santo constituem (de acordo com a sua original vocação açoriana de rituais simbolizadores da identidade coletiva) um dos principais marcadores da identidade étnica açoriano-americana (Leal, 2007).

## II. As Grandes Festas do Divino Espírito Santo da Nova Inglaterra

Sob a invocação do Espírito Santo tem lugar aquela que pode ser considerada como a grande festa étnica dos açoriano-americanos – e, de um modo geral, dos luso-americanos – da América do Norte: as Grandes Festas do Divino Espírito Santo da Nova Inglaterra. Estas realizam-se todos os anos no último fim de semana de Agosto, em Fall River, no estado de Massachusetts (Leal, 2007)

De acordo com Leal, 2007, a sua criação remonta a 1986, entre os quais se destaca Heitor de Sousa, emigrante da Ilha de São Miguel, freguesia de Rabo de Peixe.

Como a grande maioria das festas étnicas realizadas no contexto norte-americano, estas festas, colocam uma ênfase particularmente forte em valores como a tradição e a autenticidade. O seu objetivo genérico é o de recriar a terra de origem na terra de acolhimento com recurso à base de dados da cultura popular (Leal, 2007).

As Grandes Festas do divino Espírito Santo, de acordo com Machado e Silva, 2014) têm a duração de cinco dias, de 5ª feira à 2ª feira seguinte. Na 5ª feira é inaugurada com o arraial e na 2ª feira termina com o banquete de encerramento. *É feita* no Kennedy Park, na proximidade do distrito central de Fall River, uma das áreas mais açoriano-americanas da cidade. Tal como em muitas ilhas dos Açores (*à exceção de São Miguel*), o recinto da festa é simbolicamente dominado por um Império, designação dada ao pequeno edifício ritual onde, no decurso da festa, são guardadas a Coroa e outras insígnias do Espírito Santo (figura V). O Império, em madeira pintada e com iluminações noturnas, é montado somente para a grande festa, e nas suas imediações encontra-se uma grande Coroa em madeira pintada, que é também iluminada à noite. No relvado envolvente, encontra-se instalado o arraial, com barracas de comes e bebes, pavilhões de venda de artesanato, stands de venda de vários produtos, além de um coreto e de um palco onde decorre a programação musical da festa.

Figura V – O Império



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2014

O programa das grandes festas tem-se mantido ao longo dos anos, apenas muda os grupos que atuam e as bandas de música.

Assim, na quinta feira começa pelas 17H com a abertura da iluminação no Kennedy Park e seguindo-se espetáculo com vários artistas.

Na sexta-feira começa pelas 17H com a entrada das Insígnias do Divino Espírito Santo, Bênção e distribuição das Pensões com a presença de normalmente um Bispo e uma banda de música; segue-se a Inauguração das exposições de Artesanato Açoriano e Produtos Regionais dos Açores. Pelas 20H as Folias do Espírito Santo e Espetáculo com artista. Pelas 21H – Arrematações, seguindo-se um artista, termina pelas 11H.

No sábado pelas 9:30 H- Cortejo de Bodo de Leite e Desfile Etnográfico saindo das Portas da Cidade, percorrendo a Columbia Street e South Main Street, em direção ao Kennedy Park, onde é distribuído leite e massa sovada a todos os presentes “Em Louvor do Divino”, pelas 14H - Festival de Folclore com vários ranchos quer dos Estados Unidos, Açores e Canadá. Segue-se as Arrematações, concertos de bandas e artistas, encerra pelas 23H.

No domingo, o dia mais importante da festa começa pelas 12H com a Missa Solene de Coroação na igreja de Santana, segue-se a Procissão de Coroação onde se incorporam as Mordomias, Bandas Filarmónicas da Nova Inglaterra, Canadá e Portugal.

A procissão sai do Kennedy Park via South Main St., Columbia St. Broadway, Bradford Ave. até ao Kennedy Park. Pelas 17H o Concerto por uma Banda de música, seguindo-se as Arrematações, os artistas e encerra pelas 22H.

Na segunda-feira apenas fazem pelas 18H o Banquete de Encerramento das Grandes Festas do Divino Espírito Santo, normalmente num restaurante de açorianos (Machado, 2014).

O percurso do cortejo etnográfico se estende ao longo das ruas da área central de Fall River, onde são particularmente evidentes os sinais da presença “açoriana”, o cortejo etnográfico das Grandes Festas sublinha antes do mais a importância que Fall River ocupa como centro simbólico da comunidade luso-americana. Esse estatuto advém-lhe da circunstância de ser a cidade norte-americana onde a população de origem portuguesa é numérica e sociologicamente mais representativa. Fall River tem uma população de origem portuguesa que se eleva a 50 % da população total. Dado o facto da esmagadora maioria dessa população ser açoriana, essencialmente micaelense – Fall River é de resto frequentemente tratada, na imprensa açoriana e na imprensa étnica luso-americana, como a “décima ilha” do arquipélago (Leal, 2007).

Podemos mesmo referir que nas ruas de Fall River encontramos pessoas conhecidas com muita frequência nos supermercados ou em lojas, algumas frequentaram a mesma Escola ou trabalharam connosco ou simplesmente conhecemos.

### **III. O cortejo etnográfico (ou parade)**

As Grandes Festas são geralmente apresentadas como a maior “festa portuguesa” fora de Portugal. Tendo lugar naquela que é considerada a mais emblemática cidade “açoriana” dos EUA, as Grandes Festas têm um público estimado em mais de 100.000 pessoas, proveniente sobretudo dos estados da costa leste dos EUA – Rhode Island e Massachusetts – mas também, da Califórnia e do Canadá, mas num número mais reduzido. Estas festas foram pensadas e concretizadas como um evento com capacidade de congregação do conjunto da comunidade luso-americana, não só ao nível da Nova Inglaterra, como ao nível da América do Norte no seu todo (Leal, 2007).

Não estamos de acordo com Leal, 2004 ao referir que o cortejo em muito pouco se assemelha ao cortejo do Espírito Santo nos Açores, uma vez que em Fall River foi pensado como um evento com capacidade de congregação do conjunto da comunidade luso-americana não só ao nível da Nova Inglaterra como ao nível da América do Norte, estaríamos de acordo se não existisse a Grande Festa do Espírito Santo em Ponta Delgada, a qual foi baseada na Grande Festa do Espírito Santo em Fall River e teve início em 2004.

Podemos comparar duas fotografias que se seguem, com alguns anos de diferença e as mulheres é que se mantêm no cortejo.

**Figura VI - O cortejo etnográfico**



Fotografia cedida por Silva, tirada em 1978

**Figura VII - O cortejo etnográfico 1**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2014

Silva, 2014 salienta que nestas festas continuam a procurar a ilusão de uma continuidade no tempo. Aqui, como noutros casos, a linguagem da tradição é uma linguagem decididamente inovadora, associada à criação de novos sentidos de comunidade e à busca criativa de novos enraizamentos.

Tendo como objetivo a exibição etnomimética da cultura popular açoriana, mas organizando-se de facto de acordo com o modelo norte-americano da *parade* étnica, o cortejo etnográfico das Grandes Festas pode pois ser visto como uma das melhores ilustrações da orientação bifocal que marca em plano de relevo as Grandes Festas.

A organização do cortejo etnográfico é feito pela 1ª geração e 2ª geração e a 3ª geração participa no cortejo (Machado, 2014).

#### **IV. As festas de cada paróquia**

As festas de cada paróquia são muito semelhantes às festas das freguesias nos Açores e na Igreja de São Miguel em Fall River, são uma réplica das festas da ilha de São Miguel, quer seja a nível religioso bem como a nível gastronómico.

As festas diferem em número de dias uma vez que em São Miguel são de sexta-feira a segunda-feira e em Fall River é de sexta-feira a Domingo, não havendo as arrematações da segunda-feira como em São Miguel.

De acordo com Machado e Silva (2014), o programa dos 3 dias é idêntico; começa na sexta-feira com o Arraial com bandas de música e artistas, no sábado à tarde com missa de festa, seguindo-se a mudança da imagem de São Miguel acompanhada por bandas filarmónicas. À noite arraial com bandas de música e artistas.

No domingo preparam os tapetes ao longo das ruas onde passa a procissão, como podemos ver na figura seguinte, esta poderia ser uma imagem de um tapete na ilha de São Miguel e são as mulheres da 1ª geração que têm a iniciativa e a 2ª geração colabora e a 3ª geração vai na procissão.

**Figura VIII – Tapete nas festas de São Miguel**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2014

A procissão é formada com várias imagens, incluindo a veneranda imagem do padroeiro, São Miguel. A procissão percorre o itinerário habitual:

Essex Street, Clinton Street, North Main Street, Brownell, N. Court Street, Oregon Street, Morton Street, Brightman Street, Saint Mary Street e Essex Street. Participam cinco filarmónicas.

À noite Arraial com bandas de música.

**Figura IX - Os anjos na procissão da festa de São Miguel**



Fotografia cedida por Thru, tirada em 2014

A acompanhar estes três dias existem os stands (as barraquinhas) de comida e bebida açoriana, onde podem saborear as comidas tradicionais (Fava rica, morcela com ananás, inhames, arroz doce, malassadas, massa sovada e vinho caseiro).

**Figura X – Malassadas**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2014

*É feito nos 3 dias as arrematações, bazar e stands de venda de produtos dos açores. Na figura seguinte podemos ver um stand da Ilha de São Miguel onde podemos ver entre outras coisas, figuras bordadas do Senhor Santo Cristo e os refrigerantes da Ilha de São Miguel: Kima e laranjada.*

**Figura XI – Stand ilha de São Miguel**



Fotografia cedida por Machado, tirada em 2014

## **V. O Natal**

O Natal é uma festa muito importante para os açorianos e por isso querem mantê-la viva, uma vez que para os Americanos a festa mais importante é o dia 4 de Julho, dia da independência (Machado e Silva, 2014)

No natal mantêm as tradições religiosas, nomeadamente a missa do galo e a nível das comidas fazem alguns doces: a massa sovada, o arroz doce e os suspiros (a primeira e 2ª geração).

**Figura XII - arroz doce**



**Figura XIII - massa sovada**



**Figura IV - suspiros**



Fotografias cedidas por Machado, tiradas em 2014

Mantêm a tradição de “mijinha do menino Jesus” Uma das especificidades natalícias das ilhas dos Açores (ilha terceira e São Miguel) que vão a casa de familiares e amigos no dia de Natal e nos dias que se seguem, o que implica comer e beber essencialmente doces e licores (Machado e Silva, 2014).

Os cantares e os ranchos “são expressões sociais” também utilizadas entre o Natal e o Ano Novo. Durante estes dias “é típico cantar os bons anos”.

## VI. A Páscoa

Tal como em São Miguel a Páscoa é celebrada com a família e amigos, depois das cerimónias religiosas (Machado, 2014), vão às cerimónias na quinta-feira santa onde assistem à Missa da Ceia do Senhor (Bilingue), Lava-pés, Transladação do Senhor Sacramento ao lugar da Reserva e segue-se a adoração ao Senhor Sacramento até à meia-noite.

Na sexta-feira Santa a Liturgia da Paixão e Morte do Senhor (Português) e a via Sacra em Inglês, com a Adoração da Santa Cruz. Mantêm a tradição de Abstinência e Jejum na sexta-feira Santa.

No Sábado Santo a Solene Vigília Pascal e Missa da Ressurreição (Bilingue) No Domingo de Páscoa missa da manhã em Português.

Silva, 2014 referiu que a *nível da gastronomia mantêm o foliar* que é feito na sexta ou sábado e comido no Domingo de Páscoa, normalmente para as crianças fazem como faziam em São Miguel um foliar com um ovo só.

**Figura XV – o foliar de Páscoa**



Fotografia da autora, tirada 2012

As festas religiosas são celebradas pela 1ª e 2ª geração e a 3ª por vezes acompanha, mas não gosta de ir à missa quando é só em português, já o foliar é essencialmente feito pela 1ª geração, mas apreciado pela 2ª e 3ª geração (Silva, 2014).

## Considerações finais

Podemos pensar que os espaços insulares parecem apresentar uma especial propensão para gerarem emigração. A explicação para tal tem sido sobretudo encontrada na escassez de recursos, que se acredita ser mais pronunciada nas ilhas, que são espaços limitados, e onde há por isso, senão maiores dificuldades em comportar grandes pressões demográficas, pelo menos uma perceção mais evidente da finitude dos meios. A emigração funcionaria então, à luz desta perspectiva, como uma “válvula de escape” inevitável para as ilhas, ou, dito noutros termos, um imprescindível “mecanismo de ajustamento económico” (Royle, 2001).

O diálogo entre terra de origem e terra de acolhimento, entre Tradição e Tradução é estruturante da grande maioria das formas culturais características da comunidade açoriano-americana (Leal, 2007).

Estas famílias mantiveram e mantêm algumas tradições da sua terra de origem, bem como participaram em festas e jantares, seguidas de leilões e recolha de donativos, nas coletividades de emigrantes açorianos e seus descendentes para patrocínio de melhoramentos em igrejas e impérios do Divino Espírito Santo e aquisição de instrumentos musicais para as filarmónicas da sua terra Natal

A 2ª geração encontra-se presente nas Grandes Festas, tanto em ranchos folclóricos, como nas bandas filarmónicas, como nas delegações de escolas portuguesas de alguns clubes.

Esta presença da 2ª geração resulta em larga medida de um esforço consciente da 1ª geração para participarem nas tradições quer festivas quer a nível da gastronomia.

Como podemos verificar ao longo do texto as tradições são mantidas pela 1ª geração com a colaboração da 2ª geração e a 3ª geração participa em algumas tradições mas apenas se for em bilingue.

Em termos de conclusão referimos o que Silva nos disse em relação aos filhos (3ª geração) : “os os meus filhos são americanos, são luso-americanos, eles acompanham-me nas atividades portuguesas, culturais portuguesas, mas a preferência deles, evidentemente, não é um clube português. (...) Eles vivem o ambiente americano, são americanos, falam inglês, estudam em escolas americanas. A simpatia que eles possam ter ou não ter pela ascendência dos pais (...) é uma coisa um pouco limitada, porque, enfim, eles não esperam beneficiar de nada desse sector cultural que é o português.

## Referências bibliográficas

BALDACCHINO, G. (1997), *Global Tourism and Informal Labour Relations: The Small Scale Syndrome at Work*. London: Mansell.

BALDACCHINO, G. (2007), *Islands – objects of representation*, Geografiska Annaler B, 87, pp. 247-251.

CONNELL, J. (2007), “Island migration”, In G. Baldacchino (eds.), *A World of Islands*. An Island.

CONNELL, J. (2007). “Migration”, In G. Baldacchino (eds.), *A World of Islands. Charlottetown: Culture, Difference*. Londres: Lawrence & Wishart, pp. 222-237.

DEPRAETERE, C & DAHL, A.L (2007), “Island locations & classifications” In G. Baldacchino, (eds.), *A world of islands: An islandstudies reader, Charlottetown, Canada and Luqa, Malta*, Institute of Island Studies: University of Prince Edward Island and Agenda Academic, pp.57-105.

GABRIEL, J. (2014), *Festa centenária da Irmandade do Império Micaelense em Hudson* Portuguese Times online, Disponível em <http://www.portuguesetimes.com/admin/archive/Edicao%202243.pdf>, [consultado em 10-12-2014].

HOYLE, B. & BIAGINI, E. (1999), *Insularity and Development: International Perspectives on Islands*. London: Pinter.

KING, R. & CONNELL, J. (eds.) (1999), *Small Worlds, Global Lives: Islands and Migration*. London: Pinter.

LEAL, J. (2007), *Açores, EUA, Brasil: Imigração e Etnicidade*. Direcção Regional das Comunidades, Nova Gráfica, Lda.

Machado (2014). Entrevista com a autora.

NEWITT, M. (1992), “Introduction”, In H. M. Hintjens & M. D. D. Newitt (eds.), *The Political*, Malta: Progress Press, pp. 36.

PORTUGUESE TIMES (2014), *Grandes Festas do Espírito Santo da Nova Inglaterra*. Newspaper Online de 20 de Agosto, 1(1), Disponível em <http://portuguesetimes.com/admin/archive/Edi%C3%A7%C3%A3o%202252%20-%2020%20de%20agosto%20de%202014.pdf>, [consultado em 10-12-2014].

PROGRAMA DA GRANDE FESTA DO ESPIRITO SANTO. Disponível em [http://cacoeres.ca/index.php?option=com\\_content&view=article&id=471%3Aprograma-das-grandes-festas-do-divino-espirito-santo-da-nova-inglaterra-2014&catid=44%3Aeventos-externos&Itemid=244&lang=pt](http://cacoeres.ca/index.php?option=com_content&view=article&id=471%3Aprograma-das-grandes-festas-do-divino-espirito-santo-da-nova-inglaterra-2014&catid=44%3Aeventos-externos&Itemid=244&lang=pt), [consultado em 13-12-2014].

ROYLE, S. (2001), *A Geography of Islands. Small Islands Insularity*. London: Routledge.

SILVA, M. (2014). Entrevista com a autora

THRUE, E (2014). Entrevista com a autora.